

O ÚLTIMO POTE DE GELEIA

A infância de nossos filhos foi marcada por uma coisa muito simples: sanduíches de geleia que até meu marido e eu gostávamos de saborear. Mas não eram quaisquer sanduíches, porque a geleia que os recheava era preparada especialmente por minha sogra com as frutas colhidas em seu sítio.

Minha sogra só fazia geleia de uva ou amora. A minha colaboração consistia apenas em guardar os potes de papinha de bebê e enviá-los para sua casa. Ela então os enchia com a deliciosa geleia, fechava com cera e nos mandava de volta. Durante os meus vinte e dois anos de casada, toda vez que queria fazer um sanduíche de geleia bastava esticar a mão e apanhar um dos potinhos na despensa ou na geladeira. Estavam sempre lá. Fazer geleia era uma alegria para minha sogra.

Meu sogro faleceu há muitos anos, e neste último dezembro minha sogra também se foi. Entre as coisas a serem divididas entre os filhos estava o estoque da despensa. Cada filho escolheu o que queria entre os muitos vidros de suco de tomate, sementes cruas e geleia. Quando meu marido trouxe para casa os potes que ficaram para ele, nós os colocamos cuidadosamente na despensa.

Outro dia, quando fui fazer um sanduíche, eu o vi. Sozinho, no canto da prateleira, um pequeno pote de geleia de uva. A tampa tinha até uns pontos de ferrugem. Sobre a tampa, com pincel atômico, estava escrito UVA e o ano em que a geleia fora feita.

Só quando peguei o pote foi que me dei conta. Abri novamente a porta da despensa para ter certeza. Era o último pote da geleia feita pelas mãos amorosas e pacientes da minha sogra.

Durante esse ano após a sua morte, cada vez que abríamos um pote de geleia no café da manhã, ela se fazia presente. De repente tomamos consciência de que nossos filhos nunca passaram um dia sem a geleia feita pela avó. Aquilo que nos parecia a coisa mais natural do mundo hoje se transformara num grande tesouro.

Com o pote nas mãos, meu coração se encheu de lembranças. Podia ver minha sogra chorando no dia do nosso casamento e, mais tarde, beijando e mimando nossos filhos. Podia vê-la andando pela fazenda, colhendo uvas, ou percorrendo o bosque em busca de amoras. Depois, debruçada sobre o tacho esperando a geleia ficar no ponto. Foram muitas as imagens que desfilaram na minha frente e em todas aparecia aquela mulher alegre, generosa, capaz de tanto afeto.

Coloquei o pote de volta na prateleira. Não se tratava mais de um simples pote de geleia. Era o fim de uma tradição da família. Imagino que eu acreditei que, enquanto ele estivesse ali, uma parte de minha sogra permaneceria viva. Temos em casa muitas coisas que pertenceram aos pais do meu marido, coisas que irão passar para nossos filhos. Mas não estou pronta para abrir mão desse último pote de geleia e da riqueza de lembranças que ele me traz. Um dia vamos ter de abri-lo ou jogá-lo fora... mas não hoje.

ANDY SKIDMORE